

## Evocação

*Alexandre Pinto Cardoso*

Na minha terra desde cedo aprendíamos a diferenciar a batida dos sinos da Igreja acima de tudo pelo ritmo. Duas batidas com o sino mais grave, seguido de duas mais fracas e rápidas já sabíamos que alguém morreu e estava o féretro chegando à Igreja para as unções finais do corpo. Atrás da Igreja estava o caminho para o cemitério, quando o morto era mais abastado ou famoso havia muitos interessados em ajudar a transportá-lo (um coche fúnebre é coisa moderna), o enterro saía da Igreja descia uma grande escadaria e dava uma grande volta, quase olímpica, para atingir a rua de trás, quando não era o caso ou ainda um defunto que vinha da roça, os amigos e parentes, já cansados, seguiam por um atalho do lado direito da Igreja que dava acesso à mesma rua, naturalmente sem a pompa e as circunstâncias, mas muito mais rápido. Este trajeto era sempre morro acima, e vale dizer que de um modo geral quanto mais posses tivesse o falecido, mais chances teria da sepultura ser mais no pé do morro e a recíproca quase sempre verdadeira. No entanto, tanto uns quantos outros eram iguálados pelo badalar dos sinos e à entrada do cemitério também existia um sino menor que mesmo uma criança podia alcançá-lo e fazê-lo dobrar, o som

agudo repetido rápida e freneticamente se iniciava quando cotejo apontava na esquina e só parava quando caixão atravessava o pórtilco. Aí se dizia: “agora não tem mais jeito”. De longe podíamos adivinhar pelo intervalo de tempo entre o sino da Igreja e o do cemitério o tipo de morto pela linguagem dos sinos.

Outro era o ritmo da anunciação da primeira Missa dos domingos, aquela à qual todos integrantes das congregações laicas tinham que participar. Só se ouvia neste caso o dobrar do sino maior mais grave e bonito que ecoava por todo meu lugar. O da missa das nove (para crianças ou de toda a família) era mais alegre e pueril.

Todas as comemorações cívicas eram precedidas por um toque de alvorada às 6 horas de um repicar de sinos em ritmo frenético.

No Natal a chamada para a missa do galo era o mais bonito arranjo e com uma duração maior, como para não deixar dúvidas que o menino Deus renasceu ou deveria renascer em cada um de nós.

A cada hora e meia hora o relógio da Igreja nos dizia o tempo, que corria inexorável à cada badalada.

Na cidade grande não existe a linguagem dos sinos, por isto talvez eu me sinta algumas vezes perdido. ■